

OMNIA

HUMANAS

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)
www.fai.com.br

SANTANA, Valdeci; BARUSSO, Maristela Gonzales; A ótica do migrante e a ótica do professor sobre as relações em sala de aula com alunos e professores e o futuro das crianças sujeitas a migração na atualidade. *Omnia Humanas*, v.3, n.1, p.31-43, 2010.

A ótica do migrante e a ótica do professor: discussões sobre as relações em sala de aula com alunos e professores e o futuro das crianças sujeitas a migração na atualidade.

¹Valdeci de Santana

Graduando do 6º termo de Pedagogia-Faculdades Adamantinenses Integradas.

val.educador@hotmail.com

²Orientadora: Professora Mestre Maristela Gonzales Barusso

maris_ba@hotmail.com

Resumo:

A pesquisa precisou destacar a importância da escola na vida do cidadão como fato primordial do artigo que possibilitará ao leitor refletir sobre os ganhos e aos prejuízos causados pelo avanço tecnológico. Enfatiza as famílias migrantes que vieram para trabalhar no corte da cana-de-açúcar e as conseqüências pelo fato da baixa escolaridade dos mesmos. Através de observações em alunos migrantes de uma escola pública, foi possível chegar a determinantes do artigo, como a de constatar o descaso sobre a educação dessas crianças. Diretora, Coordenadora, professoras e principalmente alunos foram entrevistados para identificar quais as dificuldades encontradas por ambas as partes no contexto ensino-aprendizagem. Concluiu-se que as relações ocasionadas em sala de aula com as crianças migrantes trazem um enriquecimento conquistado com a troca de informações que resultam das interações com culturas diferentes.

Palavras-chave: Educação. Ensino-aprendizagem. Escola. Migrantes. Tecnológico.

Migrant's and teacher's view on students from migrant families and relations in their classroom.

Abstract:

This search emphasizes the importance of school in student's life and leads to a reflection about profits and damages caused by technological advances. It emphasizes the migrant families that have come to work in the sugar-cane harvest and the consequences of low school formation for their children. It presents some points as the neglect with formal education to these children. An interview with Director, Coordinator, teachers and students shows the main difficulties that teachers and students face in the context of teaching and learning situations. This work concludes that the relations in the classroom with children of migrant families show that these children present some growth that is a result of all new informations obtained in interplays of these students with different cultures.

Keywords: Education. Teaching and learning. School. Migrants. Technology.

Introdução:

Diante de diversos questionamentos sobre o futuro da educação brasileira, que já passou por muitas reformas, nada mais intrigante do que fazer uma reflexão sobre o rumo tomado por muitos brasileiros sobre a mesma. A realidade sempre foi a de querer erradicar o analfabetismo, de tal forma que teóricos, políticos e outros procuram estratégias para essa problemática.

Pode-se dizer que existem inúmeras questões que minimizam o avanço da educação. Situação econômica, descaso por parte dos governantes são pontos relevantes manifestados pela população. Esses devem ser discutidos no sentido e na medida em que se propõe uma educação para todos.

O direcionar do artigo, situa-se no grande fluxo de migrantes que chegam do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país em busca de melhores condições de vida, no interior do Estado de São Paulo. O corte da cana-de-açúcar tem sido a primeira opção desses cidadãos que necessitam um pouco de alento para sobreviverem.

Ao fazer tal transição – o migrante – traz junto seu filho que está em período escolar. Nessa condição, estas crianças não podem ficar exclusas do contexto escolar, já que, a lei brasileira dá total garantia à educação.

A Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990, no capítulo IV – Do Direito à Educação, à Cultura ao Esporte e ao Lazer, revela no art. 53, que: “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho...”. (Estatuto da Criança e do Adolescente)

O pleno desenvolvimento da criança migrante nesse contexto em que vive fica quase que impossível. Os educadores se vêem muitas vezes sem direção quando se deparam com esses “inocentes” que chegam desprovidos do contexto escrita/leitura, muitas vezes no final do primeiro semestre.

Relata-se que a maior migração¹ já existente para o Estado de São Paulo foi no ano de 1930, quando o mesmo passava por uma grande transformação econômico-industrial e possuía o grande fator cafeeiro. Ao contrário do Norte/Nordeste, que se encontrava em grande dificuldade nas áreas agrícola e industrial. Estes são fatores essenciais para a caminhada rumo ao progresso.

¹Pode haver dois fatores para a migração: as causas repulsivas e causas atrativas.

O exílio da educação

Será que estamos vivendo uma realidade educacional diferente à de alguns anos atrás?

O grande precursor da erradicação do analfabetismo – Paulo Freire² - com sua metodologia da “palavra geradora” possibilitou e está possibilitando aos vários cidadãos, um fio de esperança no sentido de que existe um mundo melhor para viver.

Freire revela que: “Uma das qualidades mais importantes do homem novo e da mulher nova é a certeza que têm de que não podem parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar.” (2008, III, 86).

Quarenta e cinco anos após o exílio de Freire, conclui-se que na verdade o grande exilado ainda tem sido a educação brasileira, que por muitos é vista como uma simples ossatura. Fato esse, que destrói a condição social de cada indivíduo responsável pelo crescimento do país. O cidadão brasileiro. Dizemos isto, porque mesmo com um superficial esquecimento das teorias de Freire na prática, o maior esquecido junto ao processo educacional é o cidadão.

Faz-se uma reflexão sobre a teoria de Freire na condição de que fora utilizada na maioria das vezes com migrantes. Homens e mulheres que migraram para estados que diferem das culturas de sua origem, com esperança de encontrar uma nova perspectiva de vida.

O que se espera é a reestruturação das condições educacionais, propondo maior comprometimento por parte de todos, como: governos, instituições não-governamentais, família, ou seja, a população, para que essa realidade seja minimizada.

Ao visar questões territoriais, provavelmente, podem-se encontrar diversas políticas educacionais com âmbito Federal, Estadual e Municipal. Mas é necessário rever tais situações quando deparamos em uma nova “mudança” no sentido econômico do país.

Quando verificado alguns fatos que há muito não aconteciam, surge em vários municípios esta pergunta: Por que novamente Nortistas, Nordestinos e outros estão migrando para o Estado de São Paulo? Em específico ao interior?

²Paulo Freire, nasceu no dia 19 de setembro de 1921 em Recife, no Nordeste do Brasil, e faleceu em 2 de maio de 1997 em São Paulo.

Tais perguntas são respondidas depois de um estudo realizado na cidade de Rinópolis, interior paulista, com 9.365 habitantes, que nos últimos anos recebe esses migrantes que chegam à busca de trabalho na cana-de-açúcar da região. Nessa concepção de pensamento, relatar as condições econômicas e adaptativas desses, seria de grande valia para todos, mas o que se visa são as condições educacionais em que se encontram.

O que Diretores, Coordenadores e Professores – generalizando – pensam sobre a situação de aprendizagem que cada aluno migrante chega, deveria ser levado em conta por parte do MEC. Viabilizar melhores condições no contexto físico, teórico da educação deve ser condizente com o número da população brasileira que, segundo os dados do IBGE – dezembro de 2007- hoje, é composta por 183,9 milhões de habitantes.

Realizada uma entrevista com a Diretora Marjorie D. B. Alves, a Coordenadora Silvia C. T. Zanzarini da Escola E.M.E.I.E. F “Profº José Walther Verzola”, sediada na cidade de Rinópolis, tendo, doze anos de experiência profissional, pode-se verificar que, segundo elas, as crianças observadas apresentam dificuldades e defasagem em relação a construção do conhecimento. Ocorrem obstáculos de integração e inclusão, justamente pela defasagem que trazem de sua escola de origem.

Ambas foram assertivas afirmando que, embora as crianças tragam um vocabulário específico de seus meios de origens, que por sua vez são ricos e expressivos, não compromete o processo de ensino nem a relação interpessoal na sala de aula. Para ambas, este aspecto pode até trazer um enriquecimento para os alunos de origem paulista, que são a maioria no grupo.



Foto I: Migrantes e Paulistas brincando

Havendo uma contradição por parte da professora Mônica L. C. Conti, vinte e dois anos de profissão que está diretamente ligada às crianças, revelando que há sim uma dificuldade expressiva em

compreender as palavras do nosso dia-a-dia. Já a professora Márcia A. L. B. de Oliveira, quinze anos de profissão, que trabalha com uma classe com a maioria composta por migrantes, destaca que a grande dificuldade é quando chegam, ao mesmo tempo em que afirma: “Entretanto, em certas situações, há um enriquecimento da aula, pois falam de seus costumes e cantigas da região onde moravam”.

Refletindo sobre as questões manifestadas pelas entrevistadas, pode-se conclamar que existem suas problemáticas, mas também vantagens trazidas por essas crianças, enchendo a bagagem de conhecimento das que vivem aqui, e assim, havendo trocas de cultura. Mas não se pode achar que por esse “ganho” tudo está resolvido. É necessário, sim, haver uma mudança no contexto político, para que essas crianças no futuro não façam parte de uma estatística brasileira de ANALFABETISMO FUNCIONAL.

Segundo dados retirados do IBGE, “... em 2002 o Brasil apresentava um total de 32,1 milhões de analfabetos funcionais, o que representava 26% da população de 15 anos ou mais de idade”.

Não se pode deixar influenciar com planos políticos de erradicação do analfabetismo, como a questão da EJA-Educação de Jovens e Adultos, que é direcionada a esses cidadãos que ficaram a mercê do descaso há anos. O que se deve pensar é a erradicação futura desse plano, ou seja, que a educação dessas crianças migrantes – em específico – e de todos os brasileiros, tenha uma melhor condição no sentido que abrange toda população. Achar que tudo está caminhando bem somente porque implantou um plano de erradicação, não supõe que a educação está plenamente resolvida.

Fonte: www.ibge.gov.br

Taxa de analfabetismo funcional das pessoas de 15 anos ou mais de idade, segundo as grandes regiões - 2002		
	1992	2002
Brasil	36,9%	26%
Norte	33,2%	24,7%
Nordeste	55,2%	40,8%
Sudeste	29,4%	19,6%
Sul	28,9%	19,7%
Centro-Oeste	33,8%	23,8%

Tabela I - Analfabetismo funcional nas grandes Regiões

Metodologia:

Os levantamentos bibliográficos e estatísticos permitiram uma análise que estimulou uma pesquisa de campo junto a educadores e alunos relacionados com a educação de crianças migrantes.

Para tanto, foi realizado uma entrevista com professores da Escola E.M.E.I.E.F “Profº José Walther Verzola” da cidade de Rinópolis, estado de São Paulo, no período entre Abril de 2008 a agosto de 2009. Os professores responderam um questionário com perguntas semi-abertas, no próprio ambiente de trabalho dos docentes que compunham a amostra.

Foi realizada ainda uma entrevista que teve caráter informal junto às crianças, num total de 44 alunos migrantes. Os mesmos responderam perguntas de forma espontânea, no pátio da escola, nos períodos de intervalo entre as aulas. As respostas foram anotadas para análise posterior.

Os dados obtidos com as entrevistas foram posteriormente analisados e discutidos com base nas teorias estudadas.

Resultados e discussões

Nesse vai e vem dos pais migrantes, muitas crianças se perdem no caminho – no sentido ensino-aprendizagem – aumentando, de fato, a porcentagem da tabela citada anteriormente. Sem contar que a grande maioria dos pais dessas crianças já faz parte dessa estatística, na qual a maioria não chegou a cursar a 4ª (quarta) série do Ensino Fundamental. Para que fique mais claro, o Analfabeto Funcional é a pessoa que possui menos de quatro anos de estudos completos. Observe a tabela abaixo:

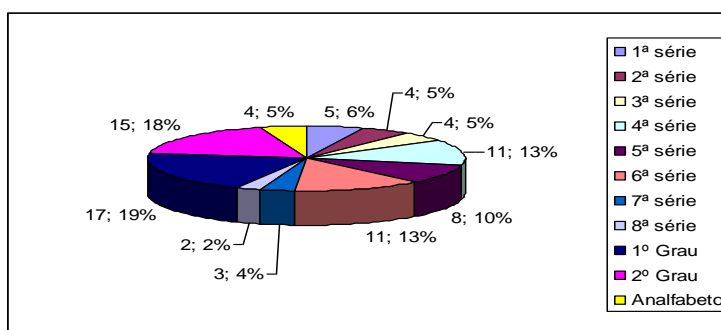


Gráfico I – Situação de Escolaridade dos Pais Migrantes em Rinópolis

No gráfico acima pode-se verificar que 19% dos pais tem formação em 1º grau; 18% 2º grau; 13% 4ª série; 13% 6ª série; 10% 5ª série; 6% 1ª série; 5% 3ª série; 5% 2ª série; 4% 7ª série; 2% 8ª série; 5% analfabetos.

Através dessa análise estatística sobre a escolaridade dos pais das crianças migrantes que freqüentam a escola E.M.E.I.F Profº José Walther Verzola, retiramos respostas para a situação educacional que se encontra o país. Houve melhorias nesses últimos anos, mas é preciso haver “mais comprometimento por parte dos governantes desses Estados em relação ao trabalho dos pais e a educação dos filhos” como revela a professora Mônica, que exerce a profissão na mesma escola mencionada.

Na real condição que se encontra o avanço da tecnologia mundial, ficará difícil que esses cidadãos se encaixem no mercado de trabalho que procura cada vez mais, mão de obra qualificada. Pode-se ver o processo de modernização da colheita da cana-de-açúcar, que hoje, já possui maquinários fazendo o trabalho de quase uma centena de homens. A realidade caminha a favor daqueles que procuram o conhecimento constantemente. Nessa real questão do crescimento da tecnologia como deixar a educação em segundo ou terceiro plano?

A ótica conclusiva sobre esse pensamento situa-se no futuro dessas crianças. Não se pode deixar que essas fiquem vagando sem ter uma parada, já que seus pais procuram melhorar suas condições de vida sem ao menos terem uma chance concreta de realizá-la. Quando digo, “chance concreta”, o comentário fica a favor da falta de qualificação escolar.

Pensar que somente aprender escrever o nome, como acontecia há anos atrás para que assim pudessem votar – forçadamente – em políticos sem nenhuma preocupação com o avanço escolar desses, não é mais sinônimo de grandeza. Na verdade, a grande problemática tem sido essa mesma realidade, onde, a politicagem só exerce o papel de coerção no momento de interesses próprios, mas logo se esquece do seu verdadeiro papel na sociedade.

O que salientou estas discussões tem sido a exclusão social que é caracterizada pelo baixo grau de escolaridade obtido pelos pais migrantes. Através dessa problemática o objetivo da pesquisa foi identificar os motivos da migração, visando sempre em qual grau de escolaridade se encontram, formalizando assim uma pré-resposta. Muitos não têm um contato tecnológico para trabalhar em outro campo de trabalho a não ser no corte da cana-de-açúcar, bloqueando assim, a busca por um emprego melhor.

Exercer a profissão de educador no Brasil, não tem sido um papel fácil. A visibilidade de alunos rebeldes que condicionam o professor a cair em depressão, desespero, vem fazendo que muitos desses, desistam da função de instruir a sociedade.

Nessa veracidade de problemas de indisciplina escolar, falta de interesse – por ambas as partes – como ajudar as crianças migrantes no processo ensino-aprendizagem?

Acredita-se que a participação dos pais é o fator primordial para que haja um avanço considerável no contexto escolar das mesmas. Fica a critério do leitor, fazer uma discussão de pensamento, se há essa preocupação por parte do pátrio poder. Nesse momento manifesto a atenção a todas as crianças migrantes.

Um dos propósitos seria o de entender o que esses pais que infelizmente fazem parte dessa trágica estatística, pensam sobre a educação de seus Estados de origem comparado ao de São Paulo e, se não há uma preocupação por parte desses na questão do crescimento pessoal dos seus filhos.

As educadoras entrevistadas foram unânimes em salientar que não há preocupação por parte dos pais em relação ao estudo dos seus filhos. No entanto, cabe a elas, profissionais da educação, mostrar a importância dos estudos para a vida das suas crianças.

Ao entrevistar um pai migrante, esse revelou um fato já visível, a qual seria: “as condições de vida na cidade em que eu morava, não estava boa, por isso vim para cá”.

A Diretora da Escola (Marjorie) destacou alguns pontos importantes para que as crianças que migram constantemente, não sejam prejudicadas no contexto educacional. São eles como se vê na tabela:

1.	Conscientizar os pais da importância da escola (pois só com a união escola/família, conseguiremos realmente algum processo).
2.	Retomar conteúdos com essas crianças.
3.	Dar tarefas extras onde os pais também possam auxiliá-los.
4.	Coloca-los em salas de avanço.
5.	Muito carinho e paciência

Tabela II: Mediar a Aprendizagem das crianças migrantes

De fato, com um mínimo de sensibilidade, conclui-se nas condições propostas pela educadora, que não é algo fácil de ser trabalhado, mas ao revelar a frase “muito carinho e paciência” condiciona uma questão que impulsiona o papel do “profissional da educação” – desvalorizado – que proporciona a esses cidadãos um fio de esperança, no sentido de conhecerem o mundo através da **leitura e da escrita**. Ignorar as condições em que se encontram as mesmas é jogar as leis estabelecidas no lixo da

exclusão social. Portanto, leis que estabelecem o ingresso do cidadão na escola devem ser levadas mais a sério em sentido abrangente.

A análise dos fatos ocorreu diante da questão de que as empresas necessitam e exigem cada vez mais cidadãos preparados para suprirem à demanda do mercado. Não precisamos citar o futuro, pois isso acontece agora e pra já. **Não** é raro encontrar empresas que querem a apresentação de um currículo que contenha mais de uma língua de domínio, ou seja, nessa hipótese, se não houver um reflexão crítica sobre as condições educacionais das crianças migrantes, o futuro citado será de homens e mulheres vagando sem cessar procurando respostas para os seus sofrimentos. Através da entrevista com as professoras mencionadas anteriormente, foi possível fazer um apanhado de informações em fichas cadastrais do ano de 2009 dos alunos migrantes.

A análise permitiu levantar as seguintes variantes: local de origem, idade, escolaridade, escolaridade dos pais, profissão dos pais, desempenho dos alunos.

Verificou-se que as crianças vieram em sua maioria da região Norte, mostrado na tabela:

Cidade	Estado	Região	Quant. de alunos
Cerqueira Cesar	Alagoas	Nordeste	2
Penedo	Alagoas	Nordeste	1
Campo Alegre de Lourdes	Bahia	Nordeste	2
Macaúbas	Bahia	Nordeste	4
Brasília	Distrito Federal	Centro-Oeste	2
Grajaú	Maranhão	Centro-Oeste	2
Imperatriz	Maranhão	Centro-Oeste	2
Chapada dos Guimarães	Mato Grosso	Centro-Oeste	2
Moju	Pará	Norte	2
Recife	Pernambuco	Nordeste	2
Rolim de Moura	Roraima	Norte	2
Araguatins	Tocantins	Norte	2
Augustinópolis	Tocantins	Norte	17
Buriti do Tocantins	Tocantins	Norte	2

Tabela III: Origem dos alunos migrantes

Tais dados podem ser vistos no gráfico abaixo:

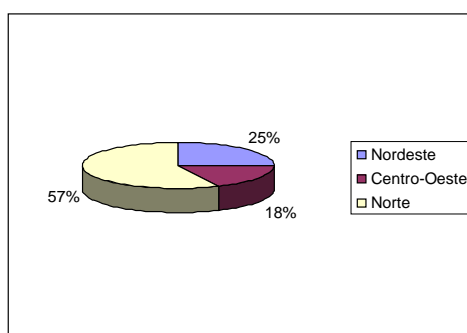


Gráfico II: Porcentagem de Região

Ao analisar a tabela acima e o gráfico de porcentagem das origens dos alunos migrantes, pode-se perceber que o grande fluxo migratório é manifestado pela região Norte, com 57% de toda totalidade entrevistada. Identificando também, que a maioria é da cidade Augustinópolis, cidade do Estado de Tocantins. Vale lembrar que é o Estado mais novo da Unidade Federativa do Brasil. Não há como questionar o papel do político sobre a realidade desses cidadãos, já que neste ano o governador eleito desse Estado foi cassado e deposto do cargo. Nessa ótica, de que o professor tem que garantir o pleno desenvolvimento do educando, fica visível a falta de interesse dos políticos pelo ser humano.

Analisar suas vidas é fator de consciência político-social. Somente o direito a vagas nas escolas, não basta. É necessária uma profunda reflexão sobre tal assunto. A visão de muitos é de que todos têm o direito de ir e vir, mas esquecem que há casos que essa nova realidade – migração – favorece a alguns e prejudica outros. Nesse sentido do ir e vir deve-se refletir sobre essa pergunta: Como crianças que vivem migrando ano após ano conseguem ter o desenvolvimento na aprendizagem?

São questões a serem analisadas a favor da maioria que está vivendo à mercê do descaso em nosso país. Futuramente, ou melhor, hoje esses encontram um contexto avançado e modificado tecnologicamente, prejudicando sua inserção no meio de trabalho. Segundo Morin “[...] a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino”. (Morin, 2000)

Nessa ótica, é necessário entender a diversidade cultural desses migrantes que condicionam suas vidas em um novo mundo. A capacidade de verificar uma nova ocorrência na plenitude desses indivíduos tem relação extrema com aqueles que direcionam a economia do Brasil. O crescimento pessoal das crianças e jovens migrantes desses **Estados** depende muito da maneira em que é tratada a educação brasileira.

Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil, no capítulo III, Da Educação, da Cultura e do Desporto, no artigo 205, aplica:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Brasileira, 1988)

Parece até repetitivo comentar sobre as crianças e jovens, mas a grande veracidade tem sido, na qual os pais migrantes têm em média 25 (vinte e cinco) anos, e todos com um nível de escolaridade baixa. Ver gráfico I, pág.6.

Através dessa visão, conclui-se que o EJA (Educação de Jovens e Adultos) durará por muitos anos. Na real situação era para ser dissipada com o passar do tempo, pois se acreditava que a educação tivesse seu êxito. Utópica conclusão. Não adianta colocar todos dentro de uma escola e oferecer uma educação ruim.

A grande proposta dos referenciais é trabalhar com o aluno suas “diversidades culturais” para que haja uma possível progressão no aprendizado. Formulação essa, que fica impossível no que caracteriza a permanência passageira desses migrantes na escola paulista. O professor, dessa forma, tem que buscar profundas estratégias para incluir e interagir com esses cidadãos que vagueiam constantemente.

Conclusão:

A reflexão sobre tal temática tem sua clareza na formação dessas pessoas, no sentido que, irão ter contato com uma nova realidade social, e principalmente, um novo contexto escolar que verdadeiramente torna-se diferente de Estado para Estado.

Professores se vêem alucinados no momento em que percebem que esses pequeninos chegam totalmente despidos de conhecimento prático, ou seja, de leitura e escrita. Como trabalhar com crianças que no término da safra da cana-de-açúcar deverão retornar às suas origens pelo fato de dependerem de seus pais?

Não adianta acharmos que o problema é único da educação, mas sim um dilema nacional político. São cidadãos que procuram sobreviver através do que tem, e a primeira opção é o trabalho para se sustentarem, e a segunda, numa mínima chance de ser verdade, a educação dos seus filhos. Diante desta reflexão pode-se acreditar que a questão do descaso, é em sua maioria, dos governantes. Logo depois vêm os pais e num contexto geral, a sociedade.

Tal afirmação condiz com a importância do professor na sociedade brasileira. Não se pode deixar de acreditar nessa profissão que por tantos anos condicionou a base para tantos profissionais de diversas áreas. Questionar o papel do educador diante da massa humana é simplesmente injusto, pois proporcionar a todos um mundo mais avançado depende de pessoas dispostas a enfrentar inúmeras

relutâncias encontradas em cada homem desta terra. Dificuldades essas, que nem todos conseguem enxergar. Somente um profissional – o educador – capacitado, tem a sensibilidade de aceitá-las e procurar dar oportunidades a cada criança, jovens ou até mesmo um adulto que não teve chance de estudar no período certo.

Pode-se dizer que o ato de educar, está de fato, ligado ao contato humano; nessa ÓTICA, fica claro que mesmo com o avanço tecnológico gigantesco é real comentar que não se deve menosprezar o papel do professor – o humano, não um robô programado. Simplesmente, o contato humano, tem seu papel primordial para “abertura” intelectual do cidadão.

Referencias Bibliográficas:

CONSTITUIÇÃO DA REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Artigo 205**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Analfabeto funcional**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 16/09/2009 – 11:49 a.m

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Estatuto da Criança e do Adolescente**/. -3. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, Unesco, 2000.